



Esta obra possui uma Licença

[Creative Commons Atribuição-Não Comercial 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)



<https://periodicos.ufpa.br/index.php/revistamargens/article/view/12159>

<http://dx.doi.org/10.18542/rmi.v16i26.12159>

Margens: Revista Interdisciplinar | e-ISSN:1982-5374 | V. 16 | N. 26 | Jun., 2022, pp. 239-259

Submissão: 30/10/2021

Aprovação: 30/03/2022

## PEDAGOGIA É “COISA DE MULHER”? ESTEREÓTIPOS DE GÊNERO E MASCULINIDADES NA DOCÊNCIA COM CRIANÇAS

*IS PEDAGOGY A "WOMAN'S THING"? GENDER STEREOTYPES AND MASCULINITIES IN TEACHING WITH CHILDREN*

Jairo BARDUNI FILHO  

Universidade Estadual de Minas Gerais - UEMG <sup>1</sup>

Brena Martins GONÇALVES 

Universidade Estadual de Minas Gerais - UEMG <sup>2</sup>

Luyamara Guimarães FERREIRA 

Universidade Estadual de Minas Gerais - UEMG <sup>3</sup>

**Resumo:** O presente artigo tem como objetivo analisar a percepção de professores, gestores e estudantes de Pedagogia, do sexo masculino, sobre a docência com crianças. A pesquisa qualitativa teve como estratégia metodológica a aplicação de questionário, com questões semiestruturadas. Para a análise, usamos o aporte teórico pós-estruturalista do campo dos estudos de gênero e masculinidades. Os resultados da pesquisa apontam uma resistência das mulheres, ao menos inicialmente, com os homens que optam pelo curso de Pedagogia. Indicamos também, que o trabalho docente com a criança é permeado de preconceitos, como, por exemplo, no tocante a higienização. Isso cria e evidencia o estereótipo do homem pedófilo, já que o corpo masculino está fixado, culturalmente, à violência, como uma identidade perigosa, que afetaria a docência masculina. Esta, torna-se, então, um elemento de desconfiança e exclusão do professor nesse tipo de cuidado com as crianças.

**Palavras-chave:** Gênero. Masculinidades. Docência Masculina. Estereótipos. Infância.

**Abstract:** *The present article aims to analyze the perception of male teachers, managers and Pedagogy students about teaching with children. The qualitative research had as methodological strategy the application of a questionnaire, with semi-structured questions. For the analysis, we used the post-structuralist theoretical contribution from the field of gender studies and masculinities. The results of the research indicate a resistance of women, at least initially, with men who choose the Pedagogy course. We also indicate that the teaching work with children is permeated with prejudice, such as, for example, regarding hygienization. This creates and highlights the stereotype of the pedophile man, since the male body is culturally fixed to violence, as a dangerous identity that would affect male teaching. This, then, becomes an element of distrust and exclusion of the teacher in this type of care with children.*

**Keywords:** *Gender. Masculinities. Men's Teaching. Stereotypes. Childhood.*

<sup>1</sup> Pedagogo e professor de Didática da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG). E-mail: [jairobardunifilho@gmail.com](mailto:jairobardunifilho@gmail.com)

<sup>2</sup> Estudante de Graduação de Pedagogia da Universidade do Estado de Minas Gerais - UEMG. E-mail: [martinsbrena033@gmail.com](mailto:martinsbrena033@gmail.com)

<sup>3</sup> Estudante de Graduação em Pedagogia da Universidade do Estado de Minas Gerais - UEMG. E-mail: [luyamara.1241493@discente.uemg.br](mailto:luyamara.1241493@discente.uemg.br)

## INTRODUÇÃO

O presente artigo é fruto de uma pesquisa financiada pelo Programa Institucional de apoio à pesquisa (PAPq/UEMG 2021) intitulada: *Homens na Pedagogia: conflitos e tensões pela presença masculina no ensino de/com crianças*. O trabalho, que ainda se encontra em andamento, tem como objetivo analisar as respostas de um questionário aplicado aos sujeitos homens que cursam Pedagogia ou que já trabalham com crianças pequenas a respeito da escolha do curso e dos futuros desafios no trabalho com crianças. Interessa-nos compreender como tais sujeitos masculinos capturam a realidade construída que os envolve, no tocante a formação e trabalho com crianças pequenas. Para isso, caminhamos nesta análise com autores pós-estruturalistas como lentes que não buscam a verdade, enquanto um postulado iluminista se pautando pela razão. Mas, nos enveredamos na dúvida, no caminho composto por um conjunto discursivo, presente nas respostas de nossos participantes. O questionário faz parte da primeira etapa da pesquisa e os dados aqui analisados se baseiam nas respostas que mais nos chamaram a atenção no tocante a práticas discursivas dos homens na atuação com os anos infantis e suas percepções a respeito das dificuldades no cotidiano com esta faixa etária.

Os discursos, que apareceram através de narrativas dos rapazes na busca pelas descrições e o que existe de representações de si mesmo e do outro nelas. Do micro e do macrosocial enquanto relações de poder. Como diz Foucault: “Por mais que o discurso seja aparentemente bem pouca coisa, as interdições que o atingem revelam logo, rapidamente, sua ligação com o desejo e o poder” (1996, p.10). O que buscamos foi compreender como tais sujeitos se constroem através dos discursos que por sua vez estão presentes nas experiências e movimentos históricos tanto de continuidade quanto de descontinuidade.

Pensar a formação para a docência, especialmente para os anos iniciais, é reconhecer que estamos falando de um campo de trabalho, cujo universo é predominantemente feminino, uma realidade da maioria dos cursos de Licenciatura em Pedagogia e conseqüentemente, das Creches, Pré-Escolas e Ensino Fundamental no Brasil. Isso nos leva a entender, como bem aponta Louro (2014), que as instituições têm gênero. Ou seja, a escola é uma instituição eminentemente feminina, com seus atributos de cuidado e vigilância. Mesmo que no início ela tenha sido masculina, em sua essência, com os jesuítas, enquanto homens e mestres da colonização, a ruptura moderna ocorreu com a feminização do magistério e os atributos considerados inerentes a mulher como: cuidado da prole, afeto, doação, doçura, amor, maternagem, dentre outros. Segundo Vieira (1986) *apud* Ramos (2017): “foi em 1932 através do decreto no 21.417 que surgiu um instrumento jurídico para regularizar o

trabalho da mulher considerando o condição de mãe e de gênero, tal decreto determinada instalação de creches em estabelecimentos com mais de 30 trabalhadoras e acima de 16 anos”. Portanto, quando pensamos na feminilização do magistério nos primeiros anos da escolarização, ou seja, na ocupação desse território infantil, isso tem a ver com a luta por esse direito ao trabalho e por consequência, pelo direito de ser mãe e trabalhadora ao mesmo tempo.

Logo, a representação do magistério passou a ser vista na interseção entre o lar e a escola, trazendo para o espaço escolar os atributos femininos em discursos, práticas culturais e sociais. Ou seja, pensar nos sujeitos que habitam as Licenciaturas, em especial em Pedagogia, é questionar as relações de gênero e a construção de masculinidades e feminilidades, o investimento para a existência da identidade feminina como sendo mais apropriada para a função da docência infantil e, por consequência, a sua diferença, no caso, a masculinidade como sendo menos apta para tal função. Afinal, homens seriam entendidos socialmente como pragmáticos e pouco sentimentais. Na esteira desta discussão, sabemos que a docência feminina é vista como sendo uma vocação, portanto, algo inerente ao sexo feminino, servindo de justificativa para a naturalização das funções relacionadas à docência. Esta visão biologicista é explicada por Furlani (2011, p. 16) ao dizer que:

Por manter inquestionáveis as premissas acerca do determinismo biológico, considera as diferenças entre homens e mulheres decorrente dos atributos corporais – o que contribuiu (e contribui) tanto para “naturalização” das desigualdades sexuais e de gênero quanto para a formulação dos enunciados que hierarquizam essas diferenças (por exemplo, premissas machistas, sexistas, misóginas e homofóbicas).

No bojo das desigualdades sexuais e de gênero, podemos buscar a figura de uma masculinidade biologicista ou dominante. Isso significa, problematizar o modo como outras masculinidades são vigiadas, coagidas a se identificarem com este modelo, que rechaça a perspectiva do trabalho com as crianças. Os estudos das masculinidades nos dizem da influência desta masculinidade hegemônica, historicamente se consubstanciando no cotidiano, como uma força adensada pelas instituições sociais (família, igreja, escola, dentre outras). Contudo, é importante ressaltar, que a masculinidade hegemônica não é uma, mas sim, várias em diferentes culturas, várias em uma mesma cultura, constituindo-se em estratégias individuais ou coletivas. É um tipo de masculinidade que opera em oposição às masculinidades tidas como periféricas, subalternas como a homossexualidade, por exemplo. Afinal, a feminilidade, com seus atributos, estaria automaticamente minando o território dominante do “homem de verdade”, o que costuma, no mínimo, incomodar este constructo histórico.

Falar sobre construção de masculinidades é falar a respeito de um campo de estudos que tem crescido no Brasil e no mundo, sendo de suma importância a compreensão do lugar *ou do não lugar* do homem, em salas de Licenciatura em Pedagogia, como professores da Educação Infantil e Ensino Fundamental. Para compreender o conceito de gênero nós nos embasamos na perspectiva de Louro (2014, pp. 26-27) que diz:

O conceito passa a ser usado, então, como um forte apelo relacional – já que é no âmbito das relações sociais que se constroem os gêneros. Deste modo, ainda que os estudos continuem priorizando as análises sobre as mulheres, eles estarão agora, de forma muito mais explícita, referindo-se também aos homens. Busca-se, intencionalmente, contextualizar o que se afirma ou se supõe sobre os gêneros, tentando evitar as afirmações generalizadas a respeito da “Mulher” ou do “Homem”. Na medida em que o conceito afirma o caráter social do feminino e do masculino, obriga aquelas/es que o empregam a levar em consideração as distintas sociedades e os distintos momentos históricos de que estão tratando.

Assim, é preciso que esse conceito seja pensado em âmbito plural. Pois, outras categorias como classe, raça, religião, sexualidade, trabalho ou cultura possuem sua(s) influência(s) em determinado momento histórico, e, saber compreender como o gênero se entrelaça com/entre essas e outras categorias é pensá-lo em sua perspectiva relacional e discursiva. A questão atual, talvez seja, justamente, buscar entender como se sentem os poucos homens que estão cursando ou atuam na educação com crianças. O que eles têm a dizer? O que lhes incomoda? O que lhes interessa e lhes atrai, neste universo predominantemente feminino?

Homens e mulheres são, até hoje, portadores dessa disparidade, que encontra ressonância nos ambientes domésticos, de trabalho e de estudo. Exemplo claro disso é que as mulheres ocupam aproximadamente 94% dos cargos de docência na faixa de pré-escolar no Brasil (SAYÃO, 2003). Um quantitativo que é possível observar fazendo uma breve visita a Creches, Pré-Escolas e Ensino Fundamental, bem como, nos cursos de licenciatura em Pedagogia com sua ocupação quase esmagadora do público feminino.

Com apenas 6% de homens trabalhando com crianças, sabemos que este quantitativo tende a se elevar nos últimos anos de escolarização. É possível encontrar mais homens lecionando no Ensino Fundamental II e Ensino Médio, que no Ensino Fundamental I e Educação Infantil. Esses dados corroboram com a existência de profissões voltadas para o público masculino e para o público feminino. Os papéis profissionais costumam decorrer de expectativas familiares e sociais. Ou seja, a masculinidade é resultado da pressão social que leva os homens a cumprirem com normas e papéis sociais estabelecidos de acordo com o processo de subjetivação dos sujeitos, em consonância com

seu sexo-gênero, em detrimento a determinados afazeres e profissões. Assim, vemos perpetuados entendimentos acerca de fatores e comportamentos essencialmente entendidos como *coisa de menina* ou *coisa de menino*, se perpetuando na construção identitária destes, desde o seu nascimento.

É por esse motivo que nas turmas de Pedagogia espalhadas pelo Brasil existam tão poucos homens. Afinal, trata-se de uma profissão entendida como, essencialmente feminina. O homem que se arrisca a cursar tal profissão, estará se expondo e se arriscando, em meio a julgamentos, por outros homens como homossexual. Sendo, a escola, um lugar para o desenvolvimento de identidades sexuais heterossexuais, outras possibilidades estariam alijadas deste universo normalizador. Tanto homens, como mulheres docentes deveriam corresponder a esta normalização que é confortável para as famílias e toda a sociedade, dispensadas desta preocupação. Além disso, como aponta Guash (2006, p. 39): “Es posible definir la masculinidad como el proceso mediante el cual los niños son segregados del universo femenino para adscribirlos al nuevo estatus social de adulto definido por el genero”. Assim, a masculinidade seria um comportamento social, uma atitude que se aprende ao longo da vida, iniciando-se em tenra infância e moldando a criança numa identificação sexual e de gênero correspondente ao ser *macho*, distanciando-se de qualquer variável possível. A seguir, partimos para a apresentação dos sujeitos que se dispuseram a responder nosso questionário e em seguida para a análise das respostas.

## OS PARTICIPANTES DA PESQUISA

Para possibilitar a coleta de dados, elaboramos um questionário como instrumento, partindo de um conjunto de questões abertas e pré-elaboradas, para que os professores e gestores da Educação Básica e estudantes do curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Minas Gerais (UEMG) pudessem expressar suas experiências e opiniões. O instrumento teve como principal objetivo, obter informações por escrito, sobre o tema de interesse da pesquisa. O início do questionário teve por finalidade recolher dados que pudesse caracterizar o perfil dos respondentes. Adiante, apresentamos os resultados desses dados iniciais, de acordo com cada uma das respostas fornecidas.

Para apresentarmos nossos participantes<sup>4</sup>, construímos o quadro 01 a seguir. Contudo, cabe salientar, dentre os respondentes de nosso questionário, que eles se distinguem pela faixa etária, pela identidade sexual, pela formação e também pela atuação. Alguns deles ainda são estudantes, todos do curso de Pedagogia da UEMG, conforme já abordado, estes são identificados no quadro com

<sup>4</sup>A identificação dos respondentes de nosso questionário ocorreu por meio de pseudônimo para a devida proteção ética de suas identidades.

profissão estudante e outros já atuam com crianças, na rede pública ou privada. Os professores já formados são identificados no quadro pela profissão professor e também, caso haja algum cargo na escola que lhes destaque, essa informação também foi indicada. Um de nossos participantes tem formação em nível de Mestrado, identificado como Ivan e há também outro professor com Especialização, identificado como Jamilton.

Quadro 1: Perfil participantes da pesquisa

Pseudônimo	Profissão	Orientação Sexual	Idade	Experiência/tempo
Marcos	Professor	Heterossexual	56 anos	Sim, 27 anos
Joaquim	Estudante	Heterossexual	46 anos	Sim, curta
Tadeu	Estudante	Homossexual	21 anos	Não possui
Francisco	Pedagogo	Heterossexual	21 anos	Não possui
Flávio	Professor	Heterossexual	49 anos	Sim, 25 anos
Ivan	Professor/Supervisor	Heterossexual	43 anos	Sim, 23 anos*
Jamilton	Professor	Heterossexual	43 anos	Sim, 23 anos
Daniel	Estudante	Homossexual	20 anos	Não possui
Frederico	Estudante	Homossexual	21 anos	Não possui
Pierre	Professor	Homossexual	39 anos	Sim, 18 anos

Fonte: dados da pesquisa \*Ivan é o único participante que realizou mestrado

Para selecionar esses estudantes e professores tivemos por base o interesse e a disponibilidade dos mesmos, bem como as indicações no próprio curso e de colegas, técnica também conhecida como *Snowball Sampling*, ou, Amostragem de Bola de Neve. Alcançamos um total de 10 respondentes, dentre professores já formados e/ou em formação em Pedagogia, com coleta de respostas por meio de questionário, construído por meio de documento em arquivo Word, socializado com o auxílio do aplicativo de mensagens WhatsApp e também e-mail. As respostas foram coletadas durante todo o mês de maio de 2021, com envio do documento e recebimento, por parte da equipe de pesquisa, que tabulou as respostas fornecidas.

Com base no quadro 01, podemos observar que os participantes da pesquisa podem ser divididos em dois grupos: i) um primeiro grupo é composto por professores que têm, em média, 35 a 56 anos e mais de dez anos de formação. Além disso, eles exercem a profissão há pelo menos quatro anos, havendo exceção de apenas um desses professores, pois sua formação foi recente; ii) um segundo grupo é composto por estudantes que podem ser enquadrados na faixa dos 20 anos, ainda sem experiência com a docência, principalmente como professores de crianças. Contudo, mesmo as colaborações de participantes que ainda estão em formação, foram valorosas, porque eles trouxeram suas experiências, enquanto docentes e estagiários. Salientamos que a faixa etária foi um fator que nos chamou a atenção porque está diretamente relacionada à trajetória profissional do docente e

também com a forma como ele age e se percebe no contexto educacional, conforme mostramos adiante.

### **“POR QUE VOCÊ NÃO FEZ MATEMÁTICA?” INFELIZMENTE, A PEDAGOGIA É VISTA COMO UM CURSO FEMININO**

A frase que nomeia o presente tópico foi dita a um dos rapazes que respondeu nosso questionário e enfatiza a dicotomia entre as licenciaturas, pois, mesmo sendo uma formação para docência, a Pedagogia carregaria consigo uma representação atrelada ao universo feminino. Por outro lado, a Matemática, por exemplo, carregaria consigo um equilíbrio maior entre os gêneros na composição dos estudantes. A dicotomia aparece quando questionamos como é ser um professor homem na escolarização de crianças? Quais os desafios e possíveis resistências enfrentadas no ambiente escolar e fora dele? Algumas das respostas foram<sup>5</sup>:

**Pierre:** Ser um professor homem nas séries iniciais é um máximo, pois acaba sendo novidade para as crianças que até então, só tiveram professoras. Logo, eles ficam encantados, admirados e cheio de si, é notório que a presença masculina “impõe” mais respeito, no entanto, os desafios são muitos, da aceitação da família, às vezes de alguns alunos. Fora do ambiente escolar, o que a gente mais tem é o preconceito, pois, vira e mexe tem um ou outro que pergunta “por que você não fez Matemática”, infelizmente, a pedagogia é vista como um curso feminino.

**Tadeu:** É notório que existe uma resistência que somente os homens enfrentam ao escolher o ofício de educador. O homem héterossexual, como exemplificação, encontra desafios até porque a sua sexualidade vinculada a um estereótipo de “macho”, impede que a mente antiquada de certas pessoas entenda que ensinar cuidar e amar também pode ser papel de um homem, e de um homem educador. Por isso, sinto que ao ser um homem, gay e um quase pedagogo, acabam tendo aquilo que chamo de inspiração. Afirmo que ser um professor homem na escolarização de crianças é inspirador e magnífico! Posso inspirar outros homens a se permitirem viver a experiência de serem úteis para a sociedade ao se tornarem educadores que contribuirão para a formação moral, intelectual, psicomotora bem como emocional de crianças em processo de ensino-aprendizagem.

**Marcos:** Ser Professor já não é mais um grande desafio no universo da escolarização infantil, onde os valores e conceitos eram creditados exclusivamente ao sexo feminino, porém há uma pequena resistência inicial, no início dos anos letivos, por uma minúscula visão de alguns responsáveis ou mesmo crianças, mas que se dissipa, após o primeiro mês de trabalho. Para estes, a figura masculina em sala de aula, retrata a austeridade que muitas vezes é demonstrada nestes lares. Isto ocorre apenas no ambiente escolar.

**Daniel:** Ainda não exerço a profissão, mas acredito que os principais desafios seja o de convencer os pais e a sociedade de que homens também podem exercer a função de cuidador e educador, do contrário, acabaríamos por identificar indivíduos que não

<sup>5</sup>Para manter a fidedignidade das repostas apuradas pelo questionário, mantemos o discurso original, evidenciado na resposta escrita dos participantes, sem a realização de revisão textual, tendo em vista o risco de se modificar o seu sentido.

são bons pais e pessoas que por também pensarem no estereótipo de que homens não devem ocupar local na educação corroboram com o preconceito.

**Frederico:** Mesmo ainda não atuando já pude presenciar o receio que os pais dos alunos têm ao verem o professor atuando na educação infantil.

A fala dos participantes também denota que o território infantil no último século, se tornou um lugar para o ofício feminino. Isso, em boa parte, se deu pela luta feminista, reivindicando o espaço de escolarização, enquanto *locus* de trabalho, e, sabemos da importância dessa conquista coletiva. Contudo, se por um lado, trata-se de uma conquista de direito, por outro, o espaço escolar reforçou a imagem da professora-mãe gerando as resistências iniciais. Conforme apontado por Pierre e Marcos trata-se claramente de uma concepção de educação e de infância que alijou o homem e responsabilizou a mulher pelos deveres com a criança. O resultado é “o mito da mãe-professora, que é capaz de amar incondicionalmente as crianças, como se fossem seus filhos ou filhas” (SILVA, 2011, p.109).

O relato dos respondentes diz das possíveis desconfianças existentes por pais e responsáveis a respeito da presença masculina na docência infantil. O projeto de sociedade que fica claro é o de que o homem sempre será suspeito ao lidar com crianças. Ao contrário, seu lugar seria o de chefiar, comandar, ser provedor do lar trabalhando em empregos que lhe tragam maior poder financeiro. Além disso, é enraizado no senso comum que, para o homem trabalhar em uma sala de aula, melhor que seja ensinando matemática, uma menção às áreas de exatas, enquanto um campo do saber racional, teoricamente mais masculino e técnico, em oposição à Pedagogia e seu público alvo, as crianças.

A resposta do estudante Tadeu também nos chama a atenção a respeito do desafio do homem heterossexual ao escolher trabalhar como educador de crianças. Sobre isso, Guash vai dizer que: “La masculinidad incluye lo que nuestra sociedad define como normativo, Bueno, ordenado y recomendable para los varones; pero también engloba lo que ellos se consideran inadecuado, desordenado o malo” (2006, p. 24). Há algo belo nos dizeres de Tadeu, algo que nos faz lembrar Foucault (2004, p. 12), ao afirmar que “devemos compreender que, com nossos desejos, através deles, se instauram novas formas de amor e novas formas de criação. O sexo não é uma fatalidade; ele é uma possibilidade de acender a uma vida criativa”.

O que o Foucault quer dizer é que a homossexualidade, embora ainda não esteja estabilizada nas mentalidades (socialmente), enquanto liberdade, nos possibilita a criação de novas formas de vida, de trabalho, de amizades que se constroem por meio de nossas escolhas políticas, éticas e sexuais. Tadeu talvez se torne mesmo o sujeito inspirador pela sua forma de viver, enquanto



homossexual e pedagogo para outros homens e se torne um sujeito de resistência que não se contente apenas em dizer não ao preconceito. Ao contrário disso, esse participante luta para a entrada outros homens homossexuais e também homens heterossexuais neste campo de trabalho.

Assim, quando questionamos: Você já sofreu/sofre preconceito por ser ou ter sido estudante do curso de Pedagogia ou Normal Superior? As respostas foram:

**Daniel:** Sim. Em específico uma colega de turma disse que não deixaria os filhos terem aulas com homens por ter receio do cuidado que geralmente é executado por mulheres. E por mais que inicialmente eu não demonstrasse interesse ao ensino de crianças, é um fator desanimador e frustrante visto que não são todas as possibilidades do curso que podemos explorar sem estereótipos.

**Tadeu:** Já sofri preconceito simplesmente porque escolhi essa área de atuação. Vejo a necessidade em citar como exemplo, o meu ex-namorado que não concordava muito sobre isso. Para ele que era um professor ativo em escolas, pouco compreendia tal postura de ignorância em relação ao curso em que ele também tinha se formado.

**Joaquim:** Sim. As pessoas como familiares e amigos acham que eu deveria estudar outra carreira ao invés de me tornar um professor.

**Pierre:** Sim, com certeza! O preconceito faz parte do nosso cotidiano, infelizmente.

A fala de Daniel, que é estudante do curso de Pedagogia, é significativa no conjunto de respostas. Essa fala faz notar o preconceito por parte da colega de turma descartando a possibilidade de ver seus filhos sendo cuidados por um homem. O temor vincula-se ao estereótipo do homem violador, abusador e pedófilo. Essa categorização como *violento* acaba aprisionando o homem a um modelo estereotipado, de modo a impedir qualquer outra possibilidade de ser homem. Afinal, como imaginar um homem cuidando, alimentando, trocando as fraldas em uma sociedade imersa em uma cultura em que os cuidados com as crianças são tarefas exclusivas do sexo feminino?

A divisão social de papéis que acontece nas profissões, no sentido de separar o que é próprio da mulher e próprio do homem na sociedade deve ser observada sempre pelo prisma da historicidade que é o que SCOOT (1995, p. 75) nos lembra, afinal:

O mundo das mulheres faz parte do mundo dos homens, que ele é criado nesse e por esse mundo masculino. Esse uso rejeita a validade interpretativa da ideia de esferas separadas e sustenta que estudar as mulheres de maneira isolada perpetua o mito de que uma esfera, a experiência de um sexo, tenha muito pouco ou nada a ver com o outro sexo.

Por esse motivo, faz-se necessário lembrar que, o domínio das mulheres no magistério, ou, no território infantil ao longo do século XIX foi algo desejado pelas próprias mulheres, pois, como aponta Ramos (2017, p.23): “A educação infantil, conforme enfatizado por muitos estudiosos(as), surgiu das lutas empreendidas por mulheres, para atender uma demanda também de mulheres, ou

seja, a educação infantil “nasceu feminina”. E, nesta conjuntura histórica, tal profissão parece ter ficado pouco condizente com a imagem de uma masculinidade dominante, inclusive, pelo fato desta profissão ter sido atrelada com os afazeres ditos femininos como a maternagem, o cuidado e o educar, elementos pedagógicos distanciados das representações de uma masculinidade lembrada pela violência, insensibilidade. Ao mesmo tempo, é interessante perceber como que na pesquisa com professores homens Ramos captura a defesa das próprias professoras para que os homens assumam dentro dessas instituições o trabalho com a educação e o cuidado de igual maneira com as mulheres. Como diz o autor: “por analogia é possível inferir que as mulheres, assim como ocorreu nas lutas feministas nos finais dos anos 1960, estão novamente reivindicando igualdade de tratamento em relação ao gênero, ainda que, agora, de maneira invertida” (2017, p.96).

A história nos mostra os efeitos perversos dos discursos que generalizam a sexualidade masculina como algo incontrollável, indomável. Não desconsiderando a existência do transtorno de preferência sexual denominado Pedofilia, o fato é que a violência não é algo restrito ao gênero masculino, mulheres também são agressoras. Naturalizar o discurso do homem abusador é interditar qualquer masculinidade na atuação de cuidar e educar uma criança. É, sobretudo, uma interdição dos corpos. O Relatório Disque Direitos Humanos de 2011 no que tange aos dados da violência sexual daquele ano citado por XAVIER FILHA (2012), apontou que 68% dos abusadores foram homens e 32% mulheres. Ou seja, o dado não descarta que mulheres também podem ser agressoras, violadoras e molestadoras. Claro, há uma proporção menor em comparação aos violadores homens, mas isso reforça que ambos os gêneros podem apresentar comportamentos reprováveis e criminosos. Recentemente, em dados disponibilizados pelo o Relatório da Mulher, Família e Direitos Humanos sobre o disque 100<sup>6</sup> de 2021, foi apresentado que, apenas entre janeiro e maio do referido ano, 17,5% das denúncias estavam relacionadas sobre violência sexual contra crianças e adolescentes e mais, que das 35 mil denúncias feitas no disk 100, cerca de 20,8 mil denúncias tem os pais e mães como suspeitos de violência psicológica contra crianças e adolescentes, 59,6% do total relacionado. As vítimas são geralmente meninas, tanto na faixa etária de 12 a 14 anos 66,4% quanto na faixa etária de 2 a 4 anos, 52%.

Ou seja, os dados corroboram a necessidade de se discutir sobre a violência sexual contra crianças e adolescentes no Brasil, e, que esta violência é praticada tanto por homens quanto mulheres,

<sup>6</sup> Para melhor entendimento recomendamos ler [Disque 100 tem mais de 6 mil denúncias de violência sexual contra crianças e adolescentes em 2021 — Português \(Brasil\) \(www.gov.br\)](http://www.gov.br).

pode ser cometida pelos pais, pela professora(o), pela diretora(o), pela funcionária(o), e por isso este assunto diz respeito a todos que compõem a rede de convivência da criança e do adolescente.

Interessante também o que Tadeu nos responde, pois, mostra como dois homens homossexuais podem apresentar perspectivas diferentes sobre a docência masculina. Em certo modo são experiências, pensamentos que apontam para uma relação de conhecimento. Como diz Larrosa (2014, p. 32): “Se a experiência não é o que acontece, mas o que nos acontece, duas pessoas, ainda que enfrentem o mesmo acontecimento, não fazem a mesma experiência”.

Buscamos compreender se nossos respondentes tiveram alguma experiência a respeito desse possível temor, por parte da escola e pais ou responsáveis, sobre a figura do homem violador, que não poderia cuidar da higienização dos pequenos. Assim, a questão elaborada para debater esse assunto foi: Como você lida com os afetos, carinhos, cuidados, higienizações com as crianças no processo de escolarização? Existe alguma restrição ou cuidado nesta relação que você precisa ter por ser homem? As respostas foram:

**Marcos:** O fato de ser homem e trabalhar num universo de crianças, diante de tanto maus exemplos de desrespeito, abusos, exige de nós, homens, um certo cuidado, para que se estabeleça uma certa confiança no trabalho e na nossa pessoa, por parte das famílias. Porém quando esta relação com as crianças é pautada no carinho e principalmente no respeito, como é o meu caso, esta manifestação de afeto, não causa nenhum transtorno porque naturalmente prevalece entre nós uma relação de respeito familiar onde a confiança se estabelece. Relaciona-me com meu aluno (a) de maneira harmoniosa com todos estes aspectos sem nenhum problema, graças a Deus!

**Tadeu:** Como gostaria de atuar em um nível mais avançado de ensino, mais especificamente os anos finais do Ensino Fundamental, o auxílio que eu prestaria é de lembrar os hábitos de higiene e de incentivar o respeito pelos coleguinhas, visto que certas brincadeiras podem aparecer nestes momentos de solicitar a ida ao banheiro, até a ida de fato ao banheiro. Por fim, considero que a faixa etária neste nível de ensino já garante uma independência que não necessitaria de uma ajuda tão significativa.

**Joaquim:** Existem restrições sim. Tem que haver, principalmente com as meninas.

**Ivan:** Nunca tive problemas quanto a isso. Sempre agi dentro de minhas limitações. Sempre tive apoio das colegas de trabalho quando entendia eu não deveria agir em situações específicas no que se refere ao trato com as crianças. Meu relacionamento com as crianças sempre foi de muito afeto e respeito e, sobretudo, firmeza nas orientações quanto à responsabilidade de cada um.

**Francisco:** Eu admito que para evitar quaisquer situações de desconfiança ou desconforto por parte dos pais, pretendo priorizar atuar com crianças em faixa etária maior, que não demande tantos cuidados.

De acordo com as respostas acima é possível perceber que a forma como cada participante lida com os afetos, carinhos, cuidados, higienizações com as crianças, no processo de escolarização

não é algo simples, uma vez que tais cuidados, na maioria das vezes, foram atrelados às mães, tias e avós, por exemplo. Consequentemente, tais cuidados foram estendidos para o âmbito da escola na figura feminina. Mas, será que os homens são destituídos da capacidade de aprender a trocar fralda, dar mamadeira ou embalar as crianças? Tal atitude é vista como algo antinatural ora por parte dos pais ou responsáveis, ora por parte das funcionárias/professoras e até de crianças desacostumadas com o cuidado masculino:

Quanto mais ligada a essa idéia de professora-mãe, indo em direção à concepção doméstica de educação, mais difícil é a aceitação de homens e mais associada a características femininas de ocupação, o que explicaria essa visão de maternagem e essa resistência das famílias à presença dos homens como docentes na educação infantil (SILVA, 2011, p.109).

Além disso, a sociedade brasileira ainda tende a enxergar o homem como um sujeito que carrega consigo o estereótipo da violência, naturalização do potencial abusador e, conseqüentemente, alguém a quem não se poderia ser confiada à guarda das crianças pequenas nos cuidados como higienização. Trata-se de uma construção discursiva essencialista que nos leva a crer num instinto interno masculino e automático de abusar. Logo, constituindo a identidade do macho abusador, já que culturalmente, ensinamos a agressividade ao homem desde tenra infância com um investimento para um corpo masculino ativo e dominante. Essa construção ocorre por meio de uma educação diferenciada para meninos e para meninas, e, a escola, também está implicada neste processo.

Além disso, não podemos descartar as relações de micro poder existentes nesse espaço de dominância feminina, no qual o discurso que estereotipa e interdita a atuação da docência masculina conserva o lugar de atuação das mulheres. Conforme aponta Foucault (2002, p. 10): “O discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar”. O discurso, assim, produz as identidades, bem como as diferenças em territórios de micro poder, gerando inclusões ou exclusões e também, relações de controle sobre como se deve agir, como as colegas ensinaram para Ivan, em situações específicas.

Outra pergunta do questionário por nós destacada foi: Você concorda com a frase: Educação Infantil: espaço apenas de mulheres? Justifique por favor!

**Francisco:** Não. Para mim sempre foi muito natural a presença de professores (homens) na educação infantil, tendo por base as escolas que frequentei minha própria experiência. Essa questão da majoritariedade feminina só surgiu a mim na graduação.

**Daniel:** Não. A educação infantil é um espaço ofertado para ambos os sexos exercerem a profissão de docente e mediador ao qual com a inserção de homens acaba por viabilizar para extinguir com o preconceito. O homem não é só visto, como

também é em potencial, reprodutor de estereótipos que devem ser eliminados não apenas em teoria, mas também na prática.

**Joaquim:** Não. Creio que é um espaço para homens também exercer a função de educador.

**Tadeu:** Não! Apesar de existir uma diferença significativa entre mulheres e homens no que concerne a inserção no ramo da Pedagogia seja em universidades, etc. (exemplo, o processo de graduação) em que a presença feminina é considerável, não se deve entender que o espaço de Educação Infantil é destinado apenas às mulheres. Os homens podem lecionar para a faixa etária de crianças na fase da infância, tanto o homem hétero quanto o homossexual, mesmo que preconceitos se mostrem como verdadeiras barreiras que somente colaboram para o bloqueio da construção de uma mentalidade aberta.

**Ivan:** Não. Em uma sociedade tão plural não há que se falar em espaços únicos. Há que se falar, nesse caso, em necessidade de dedicação e compromisso com o trabalho, que pode perfeitamente ser realizado por um homem desde que se atenha aos compromissos inerentes à profissão.

Os rapazes entrevistados, ao discordarem de uma frase que, comumente circula no ambiente escolar, tendo em vista um senso comum, mostra que a realidade tem, aos poucos, mudado. No caso, a realidade é percebida em especial na resposta do Pedagogo Francisco, um caso raro, talvez, de experiência com professores homens na Educação Infantil. Ainda com base na resposta de Francisco, podemos compreender que a aceitação ou não também depende da instituição e da concepção educacional que cada escola possui. Ou seja, a naturalidade percebida pelo professor tem relação com sua experiência de contato com outros professores homens, o que nos leva a acreditar que as escolas em que o professor frequentou possuía uma política educacional que não excluía o gênero masculino na docência, tratando-se, assim, de um contexto relacional. De fato, é possível compreender que nem toda gestão, rede de professores de uma escola de Educação Infantil ou Fundamental cria restrições para a atuação do professor homem.

Mas, se por um lado pode haver um cenário de maior acolhimento do docente homem, também é latente a estranheza ressaltada na resposta do estudante Daniel, quando este relata sobre os estereótipos. Esses estereótipos, geralmente são cunhados em expressões como: “*Homem não chora*”, “*Menino, vira homem!*” “*Homem é forte!*”, “*Homem domina!*”, “*Homem comanda*”, “*Honre o que você tem nos meios das pernas!*”, “*Seja Homem, pare de chorar!*”. Tais expressões se adensam e formam um amálgama em culturas heteronormativas que conseguem desequilibrar as relações de gênero, no corpo social, de forma a (re)produzir a desigualdade de gênero e solidificar a imagem do homem dominante. Neste tipo de cultura enxerga-se com certa suspeita a escolha de um homem por trabalhar com crianças. Pensar esse não-lugar dos homens, enquanto campo de trabalho é analisar o

gênero com base nas relações de poder envolvidas. Neste sentido, é preciso pensar a respeito da feminização da profissão docente, principalmente no modo como a atuação com a infância tornou-se uma barreira ao gênero masculino. De acordo com Silva (2011, p. 107):

O território da educação infantil sempre foi um espaço das mulheres enquanto conquista na luta feminista por justiça e igualdade em movimentos de cunho libertário, aproximando do coletivo em torno da luta por direitos iguais de participação e reconhecimento social, como mulheres trabalhadoras. A disputa no campo do trabalho, como em diversas outras áreas do conhecimento, em que as distribuições das atividades pelos sexos no interior dos sistemas sociais contemporâneos determinam a organização social do trabalho, as mulheres foram, nesse espaço de disputa, conquistando reconhecimento nos territórios da infância, principalmente na educação das crianças de 0 a 6 anos.

No mais, como aponta Louro (2014), com o processo de urbanização no começo do século XX, o magistério tornou-se uma atividade permitida às mulheres, e até mesmo indicada a elas como essencialmente feminina, tratando-se de um maior poder e controle do Estado sobre as pessoas que exerciam a atividade. Neste contexto, para as jovens mulheres que ocupavam essa atividade, isso representava uma conquista que até então, ficava a cargo do lar e da igreja. Além disso, os discursos que circulavam na época colaboraram para a feminização do magistério. Ou seja, discursos em prol da modernização da sociedade, da higienização da família e formação de jovens cidadãos que implicam a educação das mulheres – das mães.

Também questionamos: Como é ser, ou foi ser um estudante homem em uma turma majoritariamente composta por mulheres? Nos conte sobre sua época de sala de aula. As respostas foram:

**Pierre:** Olha, não é fácil, pois nota-se o preconceito estampado nos olhares dos próprios colegas. As pessoas acham estranhas um “homem” fazendo Pedagogia. E muita das vezes me sentia sim, deslocado e sem jeito para participar das ações ofertadas no curso, tudo isso, para não aparecer.

**Frederico:** Sempre fui muito bem aceito, claramente é triste ver que muitos homens se sentem “acanhados” por essa realidade e não aderem o curso como opção, em minha turma apenas 4 estudantes eram homens, em uma turma de 30

**Tadeu:** No primeiro período do curso de Pedagogia, achei complicado me adaptar a uma sala composta quase que completamente por mulheres. Digo isso, pois, meu lado reservado na época me colocava em situações em que sentia a pressão de outras pessoas me olhando e cogitando minha sexualidade. Essas pessoas eram justamente algumas mulheres da sala que, depois de terem “descoberto” ... tornaram-se colegas e/ou amigas.

**Joaquim:** Nos primeiros dias de aula achei estranho e até incomodado a principio, mas ao conviver com os demais colegas de sala, me senti a vontade e acolhido pelos mesmos.

**Daniel:** Antes de adentrar ao curso eu já tinha conhecimento de que era majoritariamente composto por mulheres, mas pra minha surpresa minha turma inicialmente contava com 6 alunos homens, mais que qualquer outra turma na época. Até então as experiências não foram diferentes do ensino médio, apesar do pequeno número de homens nessa área.

Podemos dizer que a chegada de um homem em uma turma composta pela maioria de mulheres não é algo visto como natural, como respondeu Pierre. Há um estranhamento a ponto de o rapaz se sentir deslocado. É claro que, com o tempo, como aponta as demais respostas, as relações vão se ajustando podendo, o curso, se tornar agradável para a presença desses estudantes homens. Contudo, o quantitativo destacado pelos estudantes Frederico e Daniel nos chama a atenção, mesmo parecendo que o curso de Pedagogia tem atraído mais estudantes homens, este ainda se trata de um quantitativo baixo.

Tadeu nos chama a atenção pelo aspecto da observação das colegas de turma a espera do “fazer falar”, que está presente na vigilância, uma das operações que Foucault (1988) apresenta como o modo que a sociedade moderna passou a lidar com as sexualidades. Seria a vontade de saber sobre o outro, sobre o sexo do outro, uma dinâmica de confissão que relaciona saber-poder e prazer. Interessante perceber que depois da “descoberta” sobre sua sexualidade, as mulheres se tornaram suas amigas, ou seja, um claro indício de que a estranheza e talvez o medo estejam atrelados ao homem heterossexual, que ousa cursar uma formação feminina como a Pedagogia. Por outro lado, para o homem homossexual, tal escolha parece soar como um alívio, algo já esperado.

A resposta de Tadeu nos faz lembrar um relato de alguns anos, quando um estudante contou-nos sobre o desejo do pai em querer saber se ele, enquanto estagiário da área da Educação Infantil, seria “veado”. Essa é uma vontade de saber, que corrobora com o senso comum de que homem que trabalha em espaços de ensino, com crianças, são homossexuais. Talvez, de uma forma mais restrita, essa seja uma forma, inclusive, de checar o possível risco que a criança estaria correndo, nas mãos de potencial pedófilo, caso o professor se assuma como heterossexual.

Em relação às amizades construídas, Fernandes (2008), ao falar da experiência da amizade em Foucault, considera que haveria uma visão sociológica clássica de que a amizade tende a ocorrer entre sujeitos de uma mesma classe social, meio, compartilhando gostos e interesses iguais. Haveria a simetria de troca igual entre eles. As amizades não seriam geradas por princípios iguais e, tampouco, redundariam em indiferença ao outro. A amizade, para o filósofo, seria a abertura para a experimentação, produzindo novas construções e novas formas de relacionamento e sociabilidade e,

ainda, ao contrário, heterogeneidade, hierarquia, dissensos e rupturas, elementos que coexistem com aspectos consensuais (reciprocidade, igualdade, lealdade etc.) (FERNANDES, 2008).

Logo, a amizade entre homens e mulheres poderia trazer um caráter único para uma turma de Pedagogia. Mas, ainda assim, é perceptível a pouca presença de homens no curso, o que pode ser um fator que explique uma baixa procura pelos rapazes, uma vez que já se prevê a ausência de reciprocidade que o mesmo gênero poderia proporcionar para o compartilhamento da identidade masculina. Ao perguntarmos: Em sua opinião, o que um professor homem pode trazer de diferencial para o ambiente pedagógico?

**Tadeu:** A diferença que um professor homem pode trazer a um ambiente pedagógico escolar é de ser um exemplo de que o trabalho depende do ser humano, e não de gênero. Isso pode ficar visível aos outros que enxergam de fora, seja os pais ou mesmo outros profissionais presentes na escola, já aos petizes, o professor pode trabalhar com o benefício do respeito mútuo, pregando a idéia de que toda profissão é válida e basta ter identificação para um dia querer exercê-la.

**Jamilton:** Percebo que algumas crianças se sentem bem com um professor do sexo masculino, pois quase sempre, existe uma carência pela figura masculina, a figura de um pai, sendo assim, existe um respeito maior.

**Marcos:** Em minha opinião, o fato de ser homem, hoje, impõe de acordo com algumas falas por parte de mães, certo respeito ou intimidação, a algumas crianças mais rebeldes, que muitas vezes não têm uma referência masculina em seu lar.

**Frederico:** O homem pode trazer um olhar diferenciado para conflitos e relações cotidianas que um ambiente totalmente feminino não analise completamente, afinal cada ser tem suas particularidades e quanto mais diversidade existe mais compreensível será as atitudes dos alunos.

As falas de Tadeu quanto Jamilton, reforçam a premissa apontada na pesquisa de Ramos (2017) quando o pesquisador ao entrevistar três professores de instituições infantis, coletou narrativas nas quais estes diziam já ter sido chamados de pai e até de vovô, uma clara menção a ausência da figura masculina no ambiente doméstico daquelas crianças e, também evidenciando as novas configurações familiares, crianças que são cuidadas pelo vovô ou pela vovó. Ou seja, a dimensão do afeto está muito presente nos espaços de educação infantil e, o professor homem acaba sim suprindo o discurso da falta, da carência da figura masculina e, como muitas crianças no Brasil são alijadas de proteção, afeto e cuidados, o professor homem pode suprir esta lacuna trazendo uma representação positiva da masculinidade para as crianças.

É importante destacar, conforme alguns respondentes, a figura masculina como centro de autoridade/disciplinamento. Neste sentido, cabe-nos questionar: de onde vem a concepção de que



meninos são mais agitados, violentos e rebeldes que as meninas e, por isso, precisariam de um professor mais bravo, mais enérgico para lidar com eles? Não podemos naturalizar as dicotomias de gênero que, muitas vezes, passam pela linguagem sexista, que contribui para as relações de poder, algo que torna os meninos crentes de sua valentia, em contraposição a doçura das meninas. Essa construção gera no aspecto social imagens de que essa seria uma representação natural.

É importante lembrar que, segundo Foucault, a disciplina é uma técnica decorrente dos séculos XVII e XVIII, que trouxe a utilidade e a produção para espaços funcionais como colégios e quartéis. Segundo o autor, “Um corpo disciplinado é a base de um gesto eficiente” (FOUCAULT, 2012, p.147). Nossa sociedade ainda parece crer no estereótipo de uma masculinidade que conseguiria garantir o domínio sobre crianças rebeldes. Trata-se de uma visão biologicista das identidades no trabalho escolar o que, de certo modo, também remete ao modelo da família moderna, da maternidade e paternidade que são carregados para dentro do universo escolar. Segundo Silva (2011, p. 114):

É interessante perceber nas diversas relações dessa profissão como às relações de gênero permeiam, de maneira bastante complexa e contraditória, as experiências provenientes do espaço privado e como são acessadas também pelas professoras e professores em determinados momentos e quando exigem atitudes a serem tomadas com crianças.

Logo, no ambiente escolar, o professor homem encarnaria o papel do pai, do mentor, do mestre disciplinador dos corpos rebeldes, dos corpos custosos, uma vez que culturalmente, caberia uma intervenção masculina neste caso. A última questão debatida por nós, tendo em vista este entendimento, foi: Qual conselho você daria a algum rapaz que lhe procurasse para saber mais da profissão docente? Você incentivaria ou não para o trabalho com crianças? Justifique, por favor!

**Tadeu:** Se porventura algum rapaz me procurasse para saber sobre o curso de Pedagogia e a profissão em si, não iria focar nos desafios e possíveis empecilhos atrelados ao universo pedagógico. Por estar na reta final do curso, percebo o quanto é legal admirar os estudos realizados sobre tantos aspectos do desenvolvimento infantil. Assim, se encontrasse interesse por parte da pessoa que me procurasse, incentivaria e procuraria destacar o ensino dinâmico que algumas disciplinas interessantes proporcionam, enfim.

**Frederico:** Caso seja a desejo dele e a vocação, sem dúvidas ajudaria, incentivaria e apoiaria, não é possível medir os sonhos muito menos colocar impasses a eles.

**Pierre:** Com certeza eu o incentivaria, pois tentaria mostrar para esse rapaz a beleza e o encanto que tem as crianças, tentaria mostrar o quão prazeroso é ver os primeiros contornos das letras, as primeiras sílabas e palavras lidas para nós.

**Ivan:** Sim. Entendo que seja um bom caminho a depender das intenções. Se a intenção for apenas ganhar dinheiro então o caminho é outro.

É possível afirmar, com base nas respostas de nossos participantes que, embora a profissão docente no Brasil tenha se tornado, ao longo do século XX, uma profissão eminentemente feminina, os poucos e corajosos homens entrevistados que procuram a formação do magistério no século XXI, por meio de suas experiências, trazem a pluralidade de um curso de Licenciatura em Pedagogia. Eles apontam para o aspecto da vocação, algo como um *dom* para lidar com as crianças, com as descobertas das crianças no universo da alfabetização. A questão que se coloca é: se lidar com crianças na aprendizagem é tão interessante e especial, porque será que este universo não atrai tantos estudantes homens?

Provavelmente existe aí uma influência do modelo hegemônico de masculinidade que tende a compreender afeto, cuidado e carinho como sendo sentimentos femininos. Haveria também uma sensação de não lugar, de não pertencimento, com aquele universo que historicamente foi delegado às mulheres. Concomitante a isso, a questão salarial é outro elemento de impacto para quem é culturalmente cobrado pelo seu papel de provedor da família, não há como negar esse fato.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

256

Primeiramente é preciso dizer que a presente pesquisa que vem sendo desenvolvida nos apresenta as percepções dos rapazes que cursam Pedagogia na UEMG-Carangola e como estes enxergam o campo da docência masculina com seus desafios. Trata-se de uma contribuição para os estudos das masculinidades e formação de professores, tanto em identificar discursos que povoam o forte pânico moral sobre a pedofilia no trabalho com a infância como apontar para a necessidade desse lugar de fala dos estudantes homens do curso. Por cursar Pedagogia estes parecem fugir ao modelo hegemônico masculino, mas, enfrentam o estranhamento das estudantes mulheres alicerçado talvez por crenças que generalizam o cotidiano educacional como, por exemplo, a violência masculina como sendo natural, a dificuldade e falta de paciência do homem para cuidar e educar etc.

Assim, com base nos discursos coletados no questionário, talvez seja possível pensar que, a presença de homens em salas de aula, em cursos de Pedagogia, ao menos entre os entrevistados, não parece ser o problema em si, quando o estudante é reconhecido como um homossexual. Ao menos, este não seria o maior dos problemas, uma vez que esses homens egressos não tardam a ser incorporados na dinâmica da graduação, junto às mulheres da sala, potencializando, inclusive a discussão de gênero na turma e na dinâmica com os conteúdos acadêmicos. Aos homens heterossexuais, parece haver um deslocamento maior, que pode perdurar até o final de sua formação,

algo que corrobora com a possível evasão dos egressos ou, para o desinteresse dos mesmos pelo curso de Pedagogia.

As respostas demonstram claramente que a posição do homem frente ao trabalho, propriamente dito, com crianças em creches, pré-escolas e escolas, gera um incômodo, tanto na relação com as professoras, quanto com os pais ou responsáveis das crianças. Haveriam ressalvas, principalmente em relação ao ato de higienizar as crianças. Ou seja, as mãos de um homem tocando no corpo da criança ainda é alvo de censura, de melindres. Certamente, estes tabus criados culturalmente e discursivamente sobre o homem molestatador, se tornaram um complicador da trajetória docente masculina na busca desse “não-lugar”. Porém, a desnaturalização para com o gênero masculino na escola, depende muito dos pares femininos que ali estão. Nem todas as mulheres aceitam ou estão dispostas a deixar o preconceito de lado na parceria com docentes homens. Ao mesmo tempo, nem todas as famílias enxergam o professor homem como sendo um potencial pedófilo. Obtivemos dados apontando que, por vezes, os professores homens recebem o apoio das professoras mulheres, formando assim uma rede de confiança e apoio.

Além disso, é sabido que um ambiente educacional em que haja homens e mulheres trabalhando no cuidado, proteção e acolhimento das crianças é a melhor configuração do ambiente pedagógico. Este se torna um exemplo de democracia de gênero a ser seguida pelas crianças. Afinal, é assim que as crianças observam como homens e mulheres podem se relacionar, respeitando-se e trabalhando em conjunto, cuidando delas conjuntamente. Esse cuidado é algo que as crianças acabam comparando com o que encontram em casa e na sociedade, podendo assim, fazer com que elas questionem as desigualdades nos papéis de gênero. Por isso, é que ressaltamos aqui as premissas legais, pensadas para a primeira etapa da educação básica, tendo como finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos. Como bem aponta a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (BRASIL, 1996, Art. 29), esse atendimento deve se dar em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, em complemento à ação da família e comunidade.

Certamente, para alcançar tal intento, as barreiras erguidas ao redor de docentes homens devem ser desconstruídas. Isso é algo perfeitamente possível, afinal, se o preconceito e as desigualdades de gênero foram historicamente construídos, eles podem ser também desconstruídos. Mas, para isso, é preciso que haja interesse pela abordagem da masculinidade, enquanto gênero, tanto nas esferas de formação docente, quanto de trabalho nas escolas.

**REFERÊNCIAS**

BRASIL. **Lei 9.394 de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/19394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm). Acesso em: 17 ago. 2021.

FERNANDES, Sandra. Foucault: a experiência da amizade. In.: ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de et al. **Cartografias de Foucault**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

XAVIER FILHA, Constantina. Violência sexual contra crianças: ações e omissões nas/das instituições educativas. In. XAVIER FILHA, Constantina Xavier. **Sexualidades, gênero e diferenças na educação das infâncias** (org). Campo Grande, MS. Editora. UFMS, 2012.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

FOUCAULT, Michel. **Por uma vida não fascista**. (Coletânea Michel Foucault Sabotagem). 2004.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**; tradução de Raquel Ramalhe. 40ª. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

FURLANI, Gimena. **Educação sexual na sala de aula: Relações de gênero, orientação sexual e igualdade étnico-racial numa proposta de respeito às diferenças** Autêntica Editora. 2011.

GUASH, Oscar. **Héroes, científicos, heterossexuales y gays**. Los varones en perspectiva de género. Barcelona: Edicions Bellaterra. 2006.

LARROSA, Jorge Bondía **Tremores: escritos sobre a experiência**. Tradução: Cristina Antunes, João Wanderley Geraldi. 1ª Ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora. 2014.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista**. 16ª Ed. Editora Vozes. 2014.

RAMOS, Joaquim. **Gênero na Educação Infantil. Relações (Im)possíveis para professores homens**. Jundiaí, Paco Editorial. 2017.

SAYÃO. Deborah Thomé. Pequenos homens, pequenas mulheres? Meninos e meninas? Algumas questões para pensar as relações de gênero e infância. **Pro-posições**. Campinas. Vol.14, n.3(42), pp.67-87. 2003. Disponível em: <https://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:S-QMu0TYzdgJ:https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/proposic/article/download/8643862/11339+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>. Acesso em: 18 ago. 2021.

SCOOT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Revista Educação e Realidade**. v. 20, n. 2, 1995. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71721/40667> acesso em 21 de mar de 2022.

SILVA, Peterson Rigato da. A presença masculina na educação infantil: diversidade e identidades. In DE FARIA, Ana Lúcia Goulart e FINCO Daniela (orgs). **Sociologia da infância no Brasil**. 1º ed. Campinas: Autores Associados. 2011.